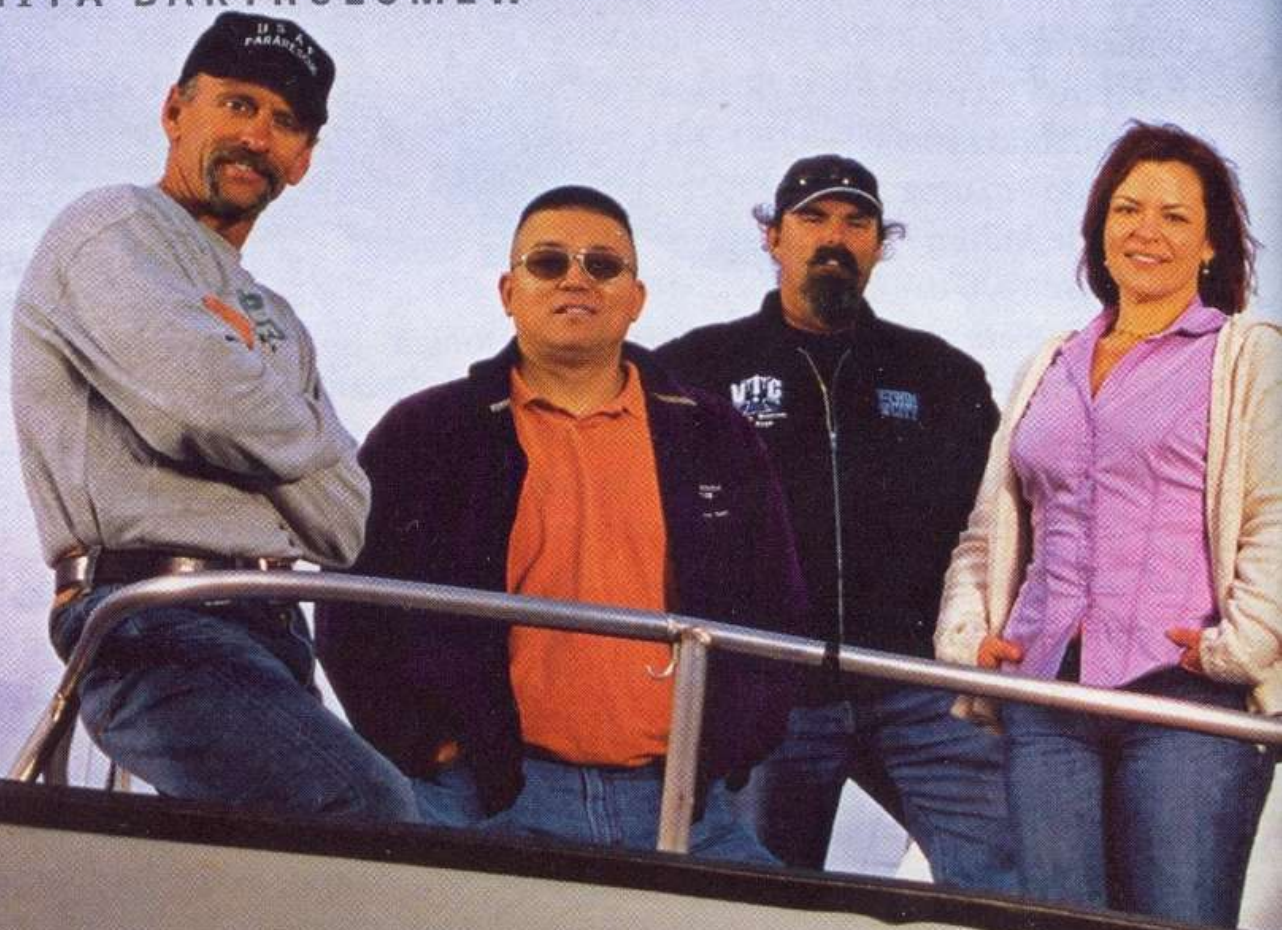


O resgate

Uma jubarte de 50 toneladas estava prestes a morrer. Estes voluntários arriscaram a vida para salvá-la.

POR ANITA BARTHOLOMEW



da baleia



Da esquerda para a direita:
Tim Young, Jim Smith,
Geary Barnes, Holly Drouillard,
Kathi Koontz, Ted Vivian,
Jason Russey e o capitão
do *Superfish*, Mick Menigoz.

SUPERFISH



Os dois mergulhadores se deixaram cair do barco inflável para dentro do Oceano Pacífico. Com todo o cuidado, nadaram até a jubarte, que, fraca e exausta, flutuava ao sabor das ondas. A temperatura da água estava em torno dos 12°C; a aparência, escura e espessa. Era difícil distinguir a cabeça da cauda do animal.

Uma imensa nadadeira, de cerca de três metros de comprimento, surgiu a menos de um metro de onde eles estavam. Um único golpe poderia matá-los.

Grossas cordas de náilon usadas para a pesca do caranguejo enroscavam-se na nadadeira e percorriam a boca e a cabeça do cetáceo. Em algumas partes, apertavam com tanta força que desapareciam dentro da pele da jubarte. Deixada naquele estado, a baleia morreria.

O MERGULHADOR James Moskito passava quase tanto tempo na água quanto em terra. Aos 40 anos, trabalhava numa empresa que levava turistas para observar tubarões. Ele conduzia mergulhadores, protegidos por gaiolas de aço, até o território de caça do tubarão-branco, nas Ilhas Farallon, a 50 quilômetros da Baía de São Francisco.

Naquele domingo, em dezembro de 2005, Moskito e a namorada, Holly Drouillard, haviam combinado um programa bem mais leve: visitar os pais dele. Antes de pegar a estrada, Moskito escutou as mensagens da secretária eletrônica e encontrou um recado de Mick Menigoz, capitão de um barco pesqueiro. Uma baleia estava presa em cordas usadas para capturar caranguejos e se debatia no mar. Menigoz estava reunindo uma equipe de mergulhadores para ajudar os voluntários do Centro de Mamíferos Marinhos de Sausalito. Queria saber se Moskito se juntaria a eles. “Estou dentro”, respondeu ele.

EM SEUS 26 ANOS de Força Aérea, Tim Young havia saltado de pára-quadras, de helicópteros e quadrimotores – equipado com roupa de mergulho e suprimentos médicos –, para resgatar pessoas em situações de perigo.

Mas a convocação de Menigoz era incomum. Sem a menor hesitação, jogou o equipamento de mergulho dentro do carro e partiu rumo ao porto de Emeryville, onde o barco de Menigoz, o *Superfish*, estava atracado.



Os mergulhadores se aproximam da jubarte para tentar libertá-la das cordas de armadilhas de caranguejo e das linhas de náilon, enquanto ela luta para respirar.

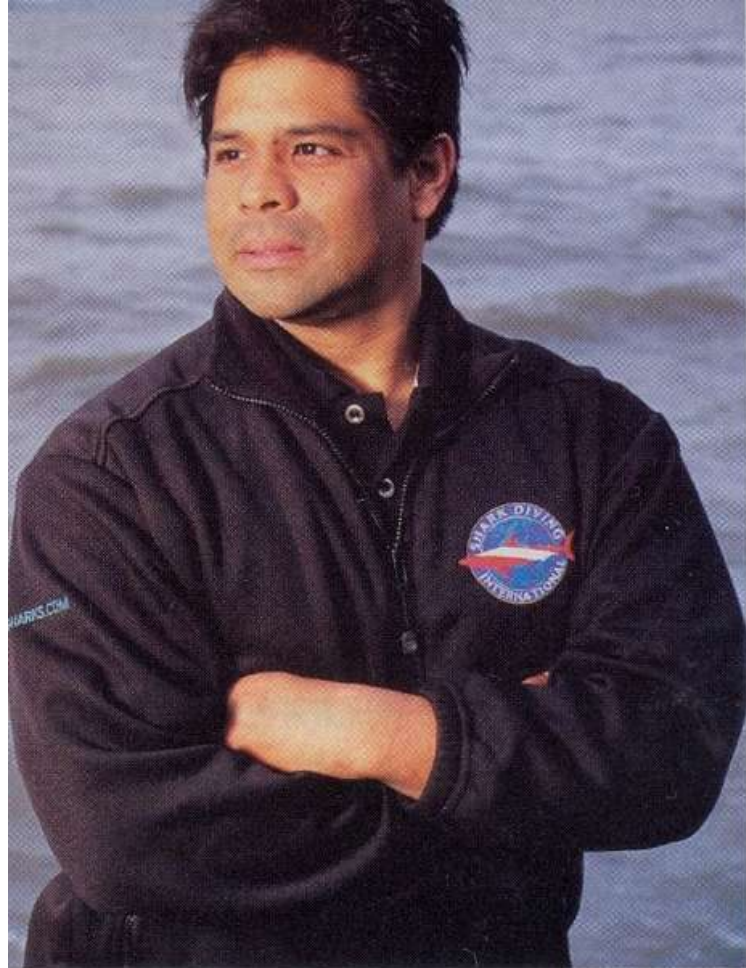
DEPOIS DE APANHAR Frances Gulland, veterinária do Centro, e mais dois voluntários, Menigoz atravessou a Ponte Golden Gate. Levava a reboque um pequeno barco inflável, equipado com um motor de popa.

Por volta das 13h30, todos já estavam próximos das coordenadas que o GPS dera como localização da baleia. Menigoz pediu que vasculhassem o horizonte. Um dos voluntários, Jason Russey, apontou para uma “pluma” de água que se erguia do mar: o esguicho de uma jubarte. “Olhem ela ali!”, gritou. Ao se aproximarem, enxergaram o topo arredondado da cabeça cinza – mais ou menos do tamanho de uma imensa mesa de jantar – bem na superfície da água. A jubarte parecia ancorada, não nadava e nem era arrastada pela correnteza. Aos olhos bem treinados de Menigoz, o cetáceo também parecia adernado. Cautelosamente, o *Superfish* foi se aproximando, até ficar a uns 30 metros da baleia.

Quatro bóias flutuavam na água em torno da jubarte. Cada uma estava amarrada a uma armadilha para caranguejos, feita de metal e aramado, pesando 45 quilos e fincada no fundo do mar. *Quatro armadilhas desse tipo não conseguiriam prender uma baleia desse porte, pensou Moskito. Por que ela não consegue se mover?*

Ele e Young pegaram o barco inflável e foram ver de perto o estado do animal. O pequeno barco jogava muito no mar agitado. Ao se aproximarem, um leão-marinho saltou de dentro d’água e passou por cima da baleia, que se debatia. Moskito considerou aquilo um bom sinal, pois leões-marinhos não nadam em locais onde tubarões estão se alimentando.

Os dois mergulhadores testaram seus respiradores e caíram no mar. Pequenos nacos de gordura haviam sido arrancados do corpo da baleia pelas cordas e flutuavam ao seu redor. Young e Moskito fizeram uma primeira inspeção e voltaram para o barco a fim de pegar o equipamento de mergulho au-



James Moskito diz que seu encontro com a baleia foi “algo surreal, um momento inesquecível”.

tônomo. Precisariam de ar para trabalhar em torno – ou talvez por baixo – da jubarte. Quando Young saiu nadando de volta até a baleia, uma das cordas que prendiam as armadilhas se enganchou na bainha que ele levava na perna e arrancou a maior das suas duas facas de mergulho.

Os dois homens constataram que o animal era uma fêmea de mais de 15 metros de comprimento, cuja cauda estava enroscada em umas 20 cordas amarradas a mais de uma dúzia de armadilhas de 45 quilos cada. Então era isso que mantinha a baleia no lugar. O peso puxava a cauda para baixo, num ângulo de 90° em relação ao corpo. Da cauda, as cordas iam subindo, enroladas, até a nadadeira. Ela estava imobi-

lizada e usava toda sua força para manter o orifício respiratório acima da água.

Não há a menor chance de conseguirmos salvá-la, pensou, embora consciente de que pelo menos tinham de tentar. De volta à superfície, os dois arquitetaram um plano. Começariam pelas duas cordas mais próximas da nadadeira peitoral, por estarem mais frouxas do que as outras.

Levando as facas de mergulho outra vez para debaixo d'água, viram-se corpo a corpo com a baleia. Young começou a serrar a corda azul de mais de um centímetro de espessura. Moskito usava uma faca de duas lâminas, que funcionava como uma tesoura.

Em vez de bater na água com a nadadeira, a baleia ficou imóvel, repousando sobre as ondas. Mesmo depois que os homens libertaram a nadadeira, ela continuou parada, tranqüila.

Os dois voltaram à superfície e nadaram até o barco inflável para falar com a equipe do Centro. “Acho que ela sabe que estamos tentando ajudá-la”, disse Moskito. Retornaram ao *Superfish* para pegar mais suprimentos.

Moskito mergulhou para trabalhar nas cordas em torno da cauda da jubarte. Young acompanhou o trajeto dos cabos até a boca do animal. A pele da baleia era macia. Cracas e outros crustáceos haviam se fixado ao corpo.

As cordas passavam sobre a cabeça e atravessavam a boca, de um lado a outro, feito uma mordança. Young cortou as da boca e puxou-as com força. Era como puxar um gigantesco fio dental. Surpreendentemente, a baleia continuou calma. Young tinha cons-

ciência do perigo de ter um braço, uma perna ou parte do equipamento preso no emaranhado de cordas que envolviam o animal. Se a jubarte mergulhasse, ele seria puxado com ela.

Com o pé-de-pato apoiado sobre a nadadeira da baleia, Young se viu frente a frente com o animal ferido. Na mais absoluta tranquilidade, a baleia o observava cortar as cordas, uma a uma.

ENQUANTO YOUNG e Moskito trabalhavam, a equipe do Centro de Mamíferos foi ao *Superfish* buscar Jason Russey e Ted Vivian, os outros dois mergulhadores. Ambos caíram na água e deram início à tarefa de remover os pedaços de cordas da boca do animal.

No lugar de dentes, as jubartes têm barbatanas, que parecem franjas de cerdas grossas pendendo da gengiva; estas funcionam como um sistema de filtração do alimento. Boiando a centímetros de seu gigantesco papo, Russey segurou o lábio inferior do animal e enfiou o braço dentro da bocarra, para puxar os pedaços de corda que impediam o cetáceo de se alimentar.

A EQUIPE DE RESGATE já estava no local havia mais de uma hora quando Moskito chegou às últimas cordas. Estas

cortavam profundamente a gordura da cauda, e ele não conseguia soltá-las. Sem saber o que a jubarte faria, enfiou a faca no talho entre a pele e começou a cortar. “Estou quase conseguindo”, murmurou através do equipamento de respiração. “Só faltam duas. Assim que acabar, você estará livre.”

Ele fez o último corte e observou uma das bóias girar e ser tragada pelo mar. Quando voltou à superfície, gritou: “Urru! Ela está livre!” Todos se juntaram a Moskito na comemoração.

Libertada, a baleia se aproximou por baixo e partiu diretamente para cima dele. *Ei, eu acabei de salvar você!*, pensou, o alívio se transformando em pânico. A jubarte parou a menos de meio metro de seu peito, cutucou-o de leve, afastou-se e nadou ao redor dos mergulhadores. Tocou, com suavidade, cada um dos homens.

TENTANDO EXPLICAR o comportamento da baleia, Frances Gulland acredita que ela tenha nadado em círculos porque o corpo ficara contido por muito tempo. Os mergulhadores apenas estavam por perto enquanto o animal se exercitava.

Mas eles não concordam. Ela passou mais de dez minutos nadando com os mergulhadores. Os quatro dizem, como afirma Moskito, que aquele foi um dos momentos “mais fantásticos” de suas vidas.

O QUE É O AMOR

O desejo “pinta” e some. A paixão explode. Já o amor é um desejo que se aprofundou e uma vivência intermitente da paixão.

AFFONSO ROMANO DE SANT'ANNA em Farmácia de pensamentos, por Sonia de Aguiar